

MEMÓRIAS DO SUBSOLO: O ROMANTISMO EM DOSTOIÉVSKI

Por Manoel Carlos Fonseca de Alencar

Introdução

Memórias do Subsolo é uma das novelas mais controvertidas de Dostoiévski. Devido o seu conteúdo filosófico denso e a riqueza psicológica de seu personagem, ela gerou farta crítica, sendo apontada como uma precursora do Existencialismo. A narrativa de um personagem solitário, alienado da sociedade, imerso em uma atmosfera de tensões e ambigüidades morais e éticas, carregada um forte questionamento à sociedade civilizada ocidental.

Pretende-se com esse ensaio analisar os pontos centrais da crítica de Dostoiévski à sociedade de seu tempo, encarnada no que o autor chama de “homem de inteligência do século XIX”. Postula-se também a vinculação dessa novela com o pensamento romântico desse século, considerando que foi uma das vertentes críticas mais promissoras em sua negação ao racionalismo progressista da sociedade moderna.

Romantismo e civilização

Michael Löwy e Robert Sayre afirmam que o Romantismo representa uma visão de mundo cuja principal característica é a contraposição à modernidade. Apesar de manifestar-se de formas ideológicas diversas, englobando tendências progressistas, conservadoras e revolucionárias, o posicionamento crítico diante das transformações sociais advindas com capitalismo é o ponto em comum na identificação de uma visão romântica do mundo. Segundo os autores:

(...) o Romantismo representa uma crítica à modernidade, isto é, da civilização capitalista moderna, em nome de valores e ideais do passado (pré-capitalista, pré-moderno). Podemos dizer que desde sua origem, o romantismo é iluminado pela dupla luz da estrela da revolta e do sol negro da melancolia (Nerval). (LÖWY e SAYRE, 1995, p.34)

Por se encontrar num presente que destoa em tudo dos valores que acha essenciais no ser humano, o artista romântico rebela-se, evadindo-se muitas vezes em um passado edênico ou num futuro utópico. Esse estado de deslocamento do mundo presente é a causa da melancolia romântica.

Löwy e Sayre apontam quatro características da modernidade que para os românticos parecem insuportáveis: o desencantamento do mundo, a quantificação do mundo, a mecanização do mundo, a abstração racionalista e a dissolução dos vínculos sociais.

Em muitos aspectos a obra de Dostoiévski apresenta-se como marcadamente romântica. Em suas Notas de inverno sobre impressões de verão, em que expõe abertamente seus posicionamentos sobre a civilização ocidental moderna, o autor deixa transparecer a força de sua

anteposição ao que considerava degradante e nefasto nessa sociedade. Esse mundo moderno o autor contrasta com um pré-capitalista, rural, fraterno, transparente, em que os vínculos sociais ainda não haviam sido dissolvidos.

Nas Memórias do Subsolo encontram-se condensados todos esses elementos como fundamentos da crítica do personagem principal. Ele representa um homem que carrega todas as deformidades do meio em que se desenvolveu. É a representação do indivíduo moderno, cindido, fissurado, que perdeu a sua inteireza e transparência com o desenvolvimento dos valores da sociedade moderna.

O racionalismo é o principal alvo da crítica das Memórias. O excesso de consciência da sociedade moderna destruiu o que há de espontâneo e verdadeiro no homem. O sentimento foi suprimido pela razão e o amor perdeu-se em meio ao pragmatismo calculista desses tempos argentários.

Nesse sentido, percebe-se que o ponto central da crítica de Dostoiévski é contra a civilização, ou, em outros termos, a sociedade moderna e as suas formas de sociabilidade. A afetação, a hipocrisia, o esnobismo, a falsidade, o apego a valores superficiais, argentários, se constituem como as características mais marcantes da sociedade de São Petersburgo.

Dostoiévski faz especial referência ao seguinte trecho das Confissões: “Quero mostrar a meus semelhantes um homem de toda a verdade da natureza. Esse homem sou eu”. Encontramos aí a síntese da recusa Rousseauiana a sociedade de seu tempo, ou pelo menos, como esta se afigurava em sua forma civilizada e aristocrática. Uma sociedade que se funda e se reproduz pela supressão do sujeito a uma ordem baseada numa Vontade Geral. Certamente nessa sociedade não há lugar para homem natural, que Rousseau encontrou no Bom Selvagem. É essa distância social e temporal, esse afastamento, e o refúgio num tempo e num espaço social inalcançáveis, que constituem os fundamentos de uma vertente do Romantismo que floresceu ao longo de todo século XIX e alhures. Esse Romantismo que se colocava na esteira contrária ao otimismo progressista e positivo civilização moderna e se fundamentava na negação da sociedade presente em seu desenho de uma “mise en scène”, de um teatro opressor e moldado nas aparências.

A recusa deliberada do personagem narrador em integrar-se à sociedade contemporânea é o que constitui o Romantismo do escritor. Mas qual Romantismo? Certamente não o Romantismo bacharelesco e burguês de seus contemporâneos, como bem argumenta o personagem narrador. Nesse sentido, Dostoiévski procurava distinguir-se dos reformadores sociais de seu tempo, pois acreditava que os valores morais perdidos com a modernidade não podem ser forjados artificialmente. Os interlocutores do personagem narrador são exatamente os intelectuais russos que pousavam de românticos e reformadores sociais (FRANK, 2008). Ele quer se diferenciar destes que foram integrados pela sociedade burguesa, tornando sua crítica um roupage, um adereço, e que se vergavam diante de uma posição ou de um agrado. Ele, portanto, é um romântico mais radical e autêntico dos que estão em seu redor.

Por ter renunciado a todos os vínculos sociais com a sociedade, o personagem das Me-

mórias é capaz de enxergá-la com mais nitidez, de levar sua crítica às últimas conseqüências e de revelar aquilo que muitos, fantasiados com seus projetos reformadores, ou integrados a sociedade burguesa, não foram capazes de revelar.

Memórias do Subsolo: a doença da sociedade moderna

A recusa de participar da sociedade de sua época e o posicionamento crítico diante de tudo o que diz respeito à civilização é um traço característico do personagem narrador de Memórias do Subsolo. Ele conforma um perfil, quase um tipo, que Dostoievski identificou como o “homem instruído do século XIX”. Contudo, o fato de não possuir um nome, de não se manifestar de forma racional e sensata, indica, talvez, que representa mais de que uma pessoa, um ser humano, mas uma força, uma energia, uma libido, uma vontade de irromper-se do subsolo, do fundo escuro e inominável, e espraia-se em liberdade, verdade e transparência. Tal desejo de emergir é impossibilitado por uma barreira, um muro, que para o personagem é a moral da sociedade que o circunda.

O personagem corta voluntariamente todos os laços que o prende à sociedade. Essa condição permite-lhe dialogar com seus leitores imaginários, aos quais se dirige ao longo de toda narrativa, abertamente. Como afirma:

Existem nas recordações de todo homem coisas que ele só revela aos seus amigos. Há outras que não revela mesmo aos amigos, mas apenas a si próprio, e assim mesmo em segredo. Mas também há, finalmente, coisas que o homem tem medo de desvendar até a si próprio, e, em cada homem honesto, acumula-se um número bastante considerável de coisas no gênero. E acontece até o seguinte: quanto mais honesto é o homem, mais coisas assim ele possui. Pelo menos, eu mesmo só recentemente me decidi a lembrar as minhas aventuras passadas, e, até hoje, sempre as contornei com alguma inquietação. Mas agora, que não apenas lembro, mas até mesmo resolvi anotar, agora quero justamente verificar: é possível ser absolutamente franco, pelo menos consigo mesmo, e não temer a verdade integral? (p. 53)

Esse é o recurso narrativo construído pelo personagem para revelar aos seus leitores verdades inconfessáveis, para dizer aquilo é difícil dizer a si mesmo, quanto mais a outrem. Por considerar que a vida acaba na sua idade, quarenta anos, e ser destituído de compromissos sociais – pois vive de uma herança –, ele se coloca numa posição privilegiada, mas não confortável. Foram os anos de ressentimentos silenciados, ruminados no subsolo, desenvolvidos como uma doença, que o narrador quis externalizar.

Pelo menos em Memórias do Subsolo não parece haver nenhuma redenção para a sociedade moderna. Suas relações sociais e, sobretudo, a moral que a fundamenta, trazem como conseqüência um mal-estar, um desconforto insolúvel, a força de uma carga repressora e dissolvente que conduziu o personagem protagonista a um estado de letargia e impotência – de uma introversão degenerativa. Faz lembrar-nos a palavras de William Blake: “Aquele que

pensa e não age engendra a peste”.

Remordia-me então em segredo, dilacerava-me, rasgava-me e sugava-me, até que o amargor se transformasse, finalmente, em certa doçura vil, maldita e, depois, num prazer sério, decisivo! Sim, num prazer, num prazer! Insisto nisso. Se abordei o assunto, foi porque desejo insistentemente saber ao certo o seguinte: terão outras pessoas semelhantes prazeres? Vou explicar-vos: o prazer provinha justamente da consciência demasiado viva que eu tinha da minha própria degradação; vinha da sensação que experimentava de ter chegado ao derradeiro limite; de sentir que, embora isso seja ruim, não pode ser de outro modo; de que não há outra saída; de que a pessoa nunca mais será diferente, pois, ainda que nos sobrasse tempo e fé para isto, certamente não teríamos vontade de fazê-lo e, mesmo se quiséssemos, nada faríamos neste sentido, mesmo porque em que nos transformaríamos? (p. 20)

O personagem não encontra uma saída. Devido a sua consciência hipertrofiada, como afirma, ele não se enquadra, ele recusa-se a compor o jogral dos que aceitam ou desconhecem esse jogo perverso e doentio, cujas regras e normas são pré-definidas e impostas. E o que é mais sintomático: essas normas são tidas como irrevogáveis.

É essa compreensão profunda das conseqüências do processo civilizador que leva o personagem a isolar-se, ou submergir no subsolo. Mas tal submersão não se dá de forma sadia, ela causa danos morais irreversíveis que o leva a admitir-se como um doente. Uma doença sem cura. Um mal que não está só em si, mas em toda a sociedade. Nas palavras personagem:

Aliás, que digo? Todos fazem isto; é justamente das doenças que se vangloriam, e eu talvez mais que ninguém. Não discutamos; a minha objeção é absurda. Apesar de tudo, estou firmemente convencido de que não só uma dose muito grande de consciência, mas qualquer consciência é uma doença. Insisto nisso. (p. 19)

A consciência é o alvo da crítica do narrador. O homem moderno desaprendeu a “vida viva” e passou a racionalizar todos os aspectos da sua existência. Ele não consegue ser bom naturalmente. É a consciência da bondade que é mais importante. Ele não consegue amar, mas apenas ter a consciência do amor. Existe, portanto, no homem moderno uma cisão: ele é simultaneamente um ser e a consciência do ser. Mas essa consciência tem a consciência da própria consciência. Uma cadeia que se reproduz infinitamente, levando o homem a um relativismo extasiante. Segundo o narrador, “uma intencional transferência do oco para o vazio” (p.30)

Para começar a agir, é preciso, de antemão, estar de todo tranqüilo, não conservando quaisquer dúvidas. E como é que eu, por exemplo, me tranqüilizarei? Onde estão as minhas causas primeiras, em que me apoie? Onde estão os fundamentos? Onde irei buscá-los? Faço exercício mental e, por conseguinte, em mim, cada causa primeira arrasta imediatamente atrás de si outra, ainda anterior, e assim por diante, até o infinito.

Tal é, de fato, a essência de toda consciência, do próprio ato de pensar. (p.29)

O personagem é a representação do paroxismo da “doença” que chegou “o homem



de inteligência do século XIX”. Por ter uma consciência hipertrofiada, ele não apenas é um doente, mas é plenamente lúcido de seu desvio moral doentio. Mas a plena consciência de sua torpeza não o leva a uma ação. Ou melhor, sua revolta, ao invés de expandir e extravasar internaliza-se, desenvolvendo-se como um cancro, um tumor que aos poucos lhe tira a vida, a capacidade de ação na sociedade.

Contudo, prefere a doença decorrente de uma consciência hipertrofiada do que a ignorância dos que chama de “homens de ação”. Estes agem mecanicamente, acreditando plenamente na legitimidade dos seus atos. Ele, pelo contrário, não é levado inconscientemente pelo que imagina ser justo e verdadeiro ou “belo e sublime”.

Sei que talvez ficareis zangados comigo e talvez gritareis, batendo os pés: “fale de si mesmo e das suas misérias do subsolo, mas não se atreva a dizer ‘todos nós’”. Mas com licença, meus senhores, eu não me estou justificando com esse todos. E, no que se refere a mim, apenas levei ao extremo, em minha vida, aquilo que não ousaste levar até a metade sequer, e ainda tomaste a vossa covardia por sensatez, e assim vos consolaste, enganando-vos a vós mesmos. (p. 146)

Entende-se, portanto, anteposição entre o homem de ação e o homem de consciência. Aquele por manter-se ignorante da degradação moral da civilização é capaz de agir automaticamente. Levado pela certeza e nitidez do significado de justiça, esse homem é capaz de agir; e tal ação causa-lhe consolo e livra-o da culpa. O homem de consciência é inconsolável. Os dois são representações do homem moderno.

O homem de consciência padece da doença, de uma cisão, de uma fissura, que o torna uma personalidade que se aproxima da esquizofrenia. É um ser dividido, multiplicado em diversos seres, em diversas consciências conflitantes e irreconciliáveis. Esse descolamento entre o ser e a consciência, presentes na construção estética de muitos personagens de Dostoiévski – o homem do subsolo é um apenas um deles – constitui sua crítica a sociedade moderna.

Contudo, Dostoiévski conduz a uma simpatia ao homem do subsolo. Ele encarna a possibilidade de uma crítica anárquica à sociedade moderna. Ao contrário do homem de ação, ele não traz a burrice, a crença cega, tola e otimista na possibilidade de a ciência, do pensamento racional e progressista, criar um mundo planejado e ideal. Ao invés disso, para o homem de consciência hipertrofiada é preferível a liberdade, o desejo irrefreável e egoísta. A civilização traz, inevitavelmente, esse desconforto, esse mal-estar. Diante disso, melhor ser um cético iconoclasta solitário e doentio, do que um conformista, enquadrado e atoleimado, um otimista cego, um entusiasta do desenvolvimento da ciência e do progresso da humanidade.

Considerações finais

É exatamente esse ceticismo presente nas Memórias que a torna uma das obras mais radicais de Dostoiévski. Escrita logo após os seus anos de prisão e exílio, a novela traz a marca



de uma desilusão absoluta com a sociedade de São Petersburgo. Se for possível perceber uma intensificação de uma solução cristã na regeneração da sociedade, como apontadas em escritos posteriores, aqui, se existe, ela é tangencial. Nos momentos finais da novela a personagem Liza se apresenta como uma redenção ao personagem narrador. Ela, em sua simplicidade e ingenuidade, mesmo sendo uma prostituta, mostra-se superior ao homem do subsolo.

Desta forma, essa seria uma possibilidade de sua redenção pelo amor e pela transparência de sentimentos autênticos e verdadeiros. Mas ele recusa essa solução, pois se acredita incapaz liberta-se da intrincada teia que o amordaçou no fundo escuro do subsolo. Essa teia é a consciência ou o excesso de racionalização que padece a sociedade moderna.

Para Dostoiévski, o homem com o advento do mundo burguês perdeu a sua inteireza, a integridade do seu ser, e esfacelou-se, alienando-se de si e da natureza. Esse mundo existiu em um mundo pré-capitalista, em que as relações eram diretas e transparentes. A desilusão quanto ao retorno desse mundo perdido no passado e a descrença na possibilidade de construir esse mundo através de reformas sociais, resultantes da consciência humana, constituem o cerne da crítica do autor ao mundo moderno. Na negação do tempo presente, nesse refúgio em um tempo irrevogável, encontra-se a marca do romantismo do escritor.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2010.

BERMAN, Marshall. Petersburgo. “O modernismo do subdesenvolvimento”. In: BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido se desmancha no ar. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Memórias do Subsolo. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. O crocodilo e Notas de inverno sobre impressões de verão. 3ª Ed. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Duas narrativas fantásticas: A dócil e Sonho de um homem ridículo. 2ª Ed. Vadin Nikitin. São Paulo: Ed. 34, 2009

FRANK, Joseph. “Memórias do Subterrâneo”. In: Dostoiévski: Os anos de provação, 1850-1859. 2ª ed. Trad. Vera Pereira. São Paulo, EDUSP, 2008. p. 427 – 474.

LÖWY, Michael e SAYRE, Robert. Revolta e Melancolia: o romantismo na contramão da modernidade. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

TODOROV, Tzvetan. “Notas do subterrâneo”. In: TODOROV, Tzvetan. Os gêneros do discurso. São Paulo: Edições 70, 1978.

MANOEL CARLOS FONSECA DE ALENCAR (CEARÁ) – Poeta, contista e historiador. É editor da revista Pindaíba e publicou os cordéis Duas Estórias de Encantamento, Duas Estórias de Desencantamento e o Livreto 69. Organizou, junto com Nuno Gonçalves e André Dias, o livro de contos Encontros e Desencontros. Também contribuiu com a parte histórica do HQ Conversa de Rei, de André Dias. Tem poemas publicados na Revista Corsário, no blog Americanlatino, na coletânea de poemas cearenses MassaNova e no livro Cravo Roxo do Diabo: o conto fantástico no Ceará. É professor da UECE e cursa atualmente o Doutorado em História na UFMG.